

Prefeitura de Rovolon – História e Território

Prefeitura de Rovolon – Divisão Administrativa de Padova - Região Vêneto - Itália – Europa
4200 habitantes – Superfície 27,56 km quadrados

Prefeituras contiguas: Cervarese S. Croce (Padova), Teolo (Padova), Vò (Padova), Albettona (Vicenza) Barbarano Vicentino (Vicenza), Mossano (Vicenza), Nanto (Vicenza), Montegaldella (Vicenza).

O território da prefeitura de Rovolon se estende em parte na planície e em parte na área norte-ocidental dos Colli Euganei (Morros Euganeos), nas margens entre as províncias de Padova, à qual pertence administrativamente, e de Vicenza.

Rovolon é o centro habitado mais antigo e se localiza na área montanhosa do território à altitude de 152 m. nível do mar, entre as beiras do Monte Grande (481 m.) e do Monte della Madonna (526m.), na lindíssima posição que domina a planície subjacente.

Bastia é a sede oficial da Prefeitura de Rovolon e se encontra na planície, como também Carbonara, que se coloca aos pés do declive ocidental do Monte della Madonna. Lovolo é um outro centro habitado nas margens da divisão administrativa de Vicenza.

Com respeito à orografia, a partir do sul, tem, em série, os declives ocidentais do Monte della Madonna e do Monte Grande, dos quais descem um do lado do outro, em breve distância, os baixos aclives dos morros menores: Spinazzola, Viale, Sereo e Frasanelle sobre os quais ergue-se, no lugar dos castelos medievais, as vilas dos aristocratas de Padova e Veneza do Renascimento.

A vegetação é variada e luxuriante: vinhas, cerejeiras, bosque de coníferas, castanheiros, aveleiros e, quase em todo lugar, a infestante alfarrobeira da guiana cobrem de verde as doces ladeiras. Como essa área é caracterizada por um clima muito húmido, no outono, no meio das raízes dos castanheiros é possível encontrar vários cogumelos comestíveis (porcino - *boletus edulis*, chiodino – *armillaria tabensces*, vescia – *lycoperdon*, mazza di tamburo - *lepiota procera*) junto com os morangos e as amoras que povoam o matagal. Propriamente por causa da presença da amoreira (*rubus fruticosus*) se pode presumir a derivação do topónimo “Robolone” antes de “Rovolone” da época moderna, mesmo se tem alguém que presume que poderia ser o aumentativo da palavra *Robur* que significa carvalho.

INFORMAÇÕES HISTÓRICAS

Os Colli Euganei possuem um patrimônio por cima de natural, histórico muito grande também. Não se tem certeza de como era o território da atual Prefeitura de Rovolon nas épocas antigas, talvez a parte da planície fosse ocupada pelos pântanos e a parte das montanha coberta pelos bosques, mas se sabe que os primeiros habitantes dos Colli foram provavelmente os **Euganei**, um povo antiquíssimo, que durante a idade de bronze (II milênio a.C.) foi muito influenciado pelos Gregos, os quais vindo do mar e remontando os rios da região por motivos comerciais, lhe ensinaram o uso dos metais. Em cerca de 900 a.C. chegaram aqui os **Veneti**, um povo que, como conta a lenda, veio por mar da Ásia Menor e que se aliou com os Troianos para defender a cidade de Troia do ataque dos Gregos.

Não se conhece que tipo de relação tivesse entre esses Veneti e os outros povos, chamados também de Veneti, espalhados em toda a antiga Europa: talvez fosse una denominação genérica para definir “conquistadores”.

Depois da conquista e destruição da cidade de Troia, os Veneti abandonaram a terra deles e, junto com um grupo de Troianos, guiados por Antenore, se embracaram para procurar abrigo no ocidente. Logo chegados se uniram e se fundiram com a povoação local e deram novo estímulo e vitalidade à Região (que deles adquiriu o nome) graças à sua habilidade no moldar qualquer tipo de material, como os metais, o couro, os ossos e a lã, pela criação de gado (sobretudo os cavalos) e por ter

conseguido desenvolver com os Gregos florentinos trocas comerciais de produtos da agricultura e dos tecidos de lã por meio dos portos fluviais de Padova, Este e Adria.

A cultura paleovêneta depois se perdeu lentamente no mundo romano: Políbio conta que os Veneti foram sempre do lado dos **Romanos**. Por essa fidelidade eles foram recompensados com um pacto de “não ingênercia” na sua vida interna. Todavia o Vêneta a partir do II século começou ser envolvido na órbita romana por um subtil jogo de aliancias e proteções que nasceu a partir da realização de uma imponente via pública: as vias Emilia, Postumia, Annia, e Popilia, que permitiam de fato aos Romanos de controlar a Planície Padana.

Em 49 a.C. Rovolon pertencia ao *Municipium Patavii*, criado por Giulio Cesare. Por causa das invasões bárbaras, em particular aquela de Átila (no 452 d. C.), a região sofreu uma primeira época de declínio. Em 569 a região do *Municipium Patavii* foi desmebrada e dividida pelo rei dos **Longobardi**, Alboino. Assim a parte ocidental toda virou a ser sob a jurisdição de Vicenza, também Rovolon que, eclesiásticamente, pertencia à diocese de Padova. Isso fica demonstrado por um documento do ano 970 com o qual o bispo de Padova Gauslino fazia uma considerável doação ao complexo monástico de Santa Giustina, o qual, depois da invasão dos Húngaros caiu abandonado. O Ato de doação mencionava, entre os outros bens, também a *igreja que foi erigida em honra de San Giorgio no sítio do comité vicentino chamado de Rebolone, com suas terras, décimas e criados*. Os sucessores do bispo Gauslino, Orso em 1014, Burcardo em 1034, Ulderico em 1064, confirmaram essa doação e a igreja de Rovolon ficou propriedade do potente abade de Santa Giustina até o XVIII século.

Todavia o testemunho mais antigo da presença Beneditina na nossa prefeitura é a pequena igreja de San Pietro (XI século), hoje convertida em garrafeira, que se ergue na aldeia de Carbonara.

Também tem a hipótese que a igreja de Rovolon tinha nascido entre o VII e o VIII século, na época da dominação Longobarda. Tem vários sinais que fazem pensar nisso: a consagração ao San Giorgio, um dos santos padroeiros, com o arcanjo Michele, do reino Longobardo; o hábito das famílias do XI século de Rovolon de agir conforme aos costumes do direito longobardo e, finalmente, o pertencer àquela estirpe da nobre família “**Da Rovolon**” que se extinguiu no XII século. Os Medievistas acham que Rovolon estivesse sob a jurisdição dos **Condes de Padova**, os quais possuíam também o forte chamado “Castello delle Rocche” (Castelo das Fortalezas) que dominava a rua que leva ao Monte della Madonna e do qual, agora, ficam somente as ruínas de uma pequena torre.

Rovolon depois acompanhou os acontecimentos da cidade de Padova, antes governada pelos Carraresi e, depois, por Venezia.

No XIV século os **Condes Papafava**, descendentes da nobre família “Da Carrara”, receberam bens em Rovolon.

A República de Venezia em 1405 entrou na posse do território padovano e a manteve até 1797; enfrentou o problema da sua dominação em terra firme com originalidade e de jeito completamente diferente respeito os outros estados regionais da época: para governar a vida das várias comunidades ficaram ativos os estatutos existentes, com as devidas aprovações, actualizações e aperfeiçoamentos, segundo as necessidades, feitos por medidas das magistraturas venezianas.

A presença Beneditina também foi mais incisiva nas primeiras décadas do XV século: em 1441 o mosteiro de Santa Giustina comprou o sítio chamado “la Costa”, próximo de Rovolon, e obteve em doação uma extensa propriedade, na localidade de “Vegrolongo” de mais 700 terrenos padovanos, numa área muito arborizada que era uma parte do “Bosco della Carpaneda”(Bosque da Carpaneda) e que era difícil de alcançar por causa das extensas áreas paludosas e por isso insalubre. Aqui surgiu um grande palácio Beneditino que foi entregue a um *mordomo* que aí havia sua moradia e era

responsável dos negócios; por o outro lado a administração era controlada por um monge reitor que morava no “palácio da Costa”, hoje chamado de *Villa Ottavia* por causa do nome de uma sucessiva proprietária. Somente a partir do XVII século foram construídas as fazendas de San Bartolomeo e San Leandro, as duas dependentes da *mordomia de Vegrolongo*.

Em 1806, por causa da abolição decidida por Napoleão de todos os bens da Igreja, ao mosteiro de Santa Giustina foram confiscados 16.690 terrenos padovanos, entre os quais tinha também as propriedades no território de Rovolon.

Logo depois teve a ocupação asburgica, que persistiu até o final da terceira guerra de independência (1866) e que se concluiu com a adesão “plebiscitária” ao Reino de Itália de Vittorio Emanuele II; a partir daquele acontecimento a história da atual Prefeitura de Rovolon, depois das duas Guerras Mundiais, se funde e se confunde com aquela da República Italiana.

OS CENTROS HABITADOS – UMAS DICAS PARA A EXCURSÃO

Rovolon, com os seus vários restaurantes com vista nas Prealpes e nos Berici, é a destinação de qualquer pessoa que quer conhecer a culinária local. Na planície tem a imponente igreja de San Giorgio, registada nos documentos em 1077, mas as cujas horigens poderiam ser do VII-VIII séculos. Os afrescos absidais do final de 1400 são particularmente sugestivos. Na esquerda da igreja tem a antiga Osteria Fardigo (ou Palazzo Lion) do XVII século, um elegante palácio com a frente enobrecida por construções em traquito de Zovon e com um pequeno abobadado no interior.

No descer para Bastia, no chamado “poggio della Costa”, se encontra a construção de 1400, Villa Ottavia, que è um palácio muito grande, com um abobadado no rés-do-chão, uma varanda superior com seis leves colunas sobre as quais tem cinco arcos peraltados. A Villa foi construída pelos monges de Santa Giustina e era a sede do Reitor da grande propriedade monástica chamada *corte del Vegrolongo* localizada na subjacente planície.

Pelo contrário a Villa da Rio-Soranzo, hoje da família Schiavinato, edifício maciço que se coloca numa ótima posição panorâmica no lado setentrional da ladeira, foi construída no XVI século.

Bastia é a sede municipal da Prefeitura de Rovolon e é o centro mais desenvolvido, de fato, graças à sua localização, nasceram aqui as maiores atividades econômicas, agrícolas, artesanais e industriais. Provavelmente adquiriu o nome de um baluarte (em italiano *bastione*), erguido pelos Padovanos e depois destruído pelos Scaligeros em 1312, que surgia no mesmo lugar onde hoje tem a praça na frente da igreja, e que era cercado por dois distributários do antigo e grande canal *Fossona* que a partir do Castelo de San Martino della Vanezza de Cervarese Santa Croce escorre para Bastia, prosseguindo com o nome de *Fossa Nina* depois da fusão com o *Bandesà*. Perto desse baluarte tinha um grande trevo que unia a via da Riviera Berica com a rua que, através da aldeia de Tencarola, chegava diretamente no centro do território padovano. Também mais tarde Bastia ficou um lugar de parada, cercado por numerosas vilas de donos nobres, muito conhecido pelos coches que viajavam entre Verona, Vicenza, Padova e a laguna de Venezia.

A Villa dos Condes Papafava é a primeira que se encontra chegando de Padova. Se coloca em cima de um pequeno monte dentro do majestoso Parco di Frassanelle, hoje em parte convertido em prestigioso campo de golfe. O prédio, austero e sólido, foi construído no começo de 1800 no sítio de uma instalação que preexistia. O bosque luxuriante que o cerca se costitue de freixo (de onde vem o topônimo), cipreste, álamo e outras essências prezadas. Nesse bosque tem grutas naturais e artificiais, uma ravina e um pequeno templo neoclassico (do XVIII século) projetado por Giuseppe Jappelli.

Pouco longe de Frassanelle, perto das beiras do baixo monte Sereo (300 metros), que provavelmente pega seu nome da árvore *cerrus* (*Quercus cerrus*), tem uma esplêndida construção no meio do verde: é a Villa Barbarigo-Martinengo-Montesi, construída no XVII século. No lado norte tem uma linda fachada constituída por três andares sobrepostos e, no lado sul, um andar único enfeitado por um abobadado de 1500.

No centro da cidade, na rua que leva ao Monte Sereo, tem uma casa de fazenda chamada “La Colombara”, construída provavelmente no XV-XVI século. São interessantes os elegantes arcos cegos em tijolos que desenham uma dupla moldura na parte mais alta da torre que era utilizada como pombal, a pia de pedra embutida na parede exterior ao lado da porta de entrada e a abóbada de aresta que domina a ampla sala do rés-do-chão.

Uma outra villa, completamente reconstruída depois de um incêndio, sem considerar o oratório de 1757, é a Villa Barbaro situada em Via Ca' Marchesa, na via provincial que leva para Nanto.

Na localidade chamada *Lovolo* tem a Villa Priuli-Fogazzaro-Maruffa, um elegante prédio do final de 1600, com uma interessante fachada com arco de entrada e dois abobadados sobrepostos. Em volta da villa tem um lindo parque e outros edifícios rurais, entre os quais se deve reparar no pombal. Anexa à villa tem uma pequena e artística igreja consagrada à Imaculada Conceição; no interior tem um altar de mármore de grande valor com uma antiga e reverenciada imagem da Madona. Num documento de 1777 se declara que aqui se tinham as missas dos Beneditinos dependentes da paróquia de **Carbonara**, controlada pelos frades de Praglia.

Essa aldeia de Rovolon pega seu nome de *carbonarius*, vocábulo medieval ligado à produção de carvão e de lenho. De fato, a partir da Idade Média foi povoada por lenhadores e comerciantes de lenho e carvão. Ao longo da trilha para o Monte della Madonna ainda se podem ver duas minas de carvão, identificáveis pela presença de duas pequenas praças planas escavadas ao longo do declive e pela cor escura da terra causada pela combustão.

A nova igreja paroquial, que no X século surgiu como humilde “villa” e que até a idade Napoleónica ficou sob a jurisdição dos Beneditinos da próxima abadia de Praglia (situada na Prefeitura de Teolo), no final de 1400 foi reconstruída no lugar da antiga igreja consagrada a São Giovanni Battista. No final de 1700 os Beneditinos possuíam mais de 800 terrenos que pertenciam à *Corte de Spiràn*, localizada na beira ocidental do Monte della Madonna, ao longo daquela que hoje é Via Manzoni. Antigamente aqui surgiam uma igreja consagrada a Santa Maria Immacolata e um cemitério. Nas vinícolas podem ser observadas imponentes abóbadas arcadas.

Também a ex capela campestre de San Pietro, do XI século, que se coloca num planalto cultivado na beira noroeste do Monte della Madonna, construída pelos Beneditinos foi ao longo dos séculos um ponto de referência, não somente espiritual, mas também para todas as pessoas que moravam nesses montes. Hoje a antiga capela é usada como anexo de casa de fazenda. No final do século passado e nos anos '50 e '60, nos arredores, foram encontrados em superfície materiais líticos de técnica clactoniãna, datáveis genericamente ao Médio Paleolítico (antes do 35º milênio a. C.).